

## O HOMEM E A ESCOLA EM TRANSFORMAÇÃO: O QUE PODEMOS RESGATAR DOS GREGOS?

### HUMANKIND AND THE CHANGING SCHOOL: WHAT CAN WE RECLAIM FROM THE GREEKS?

Recebido em: 09/08/2022

Aceito em: 23/08/2022

Daniella Lopes de Souza Machado<sup>1</sup> 

Fábio Stoffels<sup>2</sup> 

Ednamar Fátima de Urzêdo Vitória<sup>3</sup> 

**Resumo:** A sociedade organiza-se e desenvolve-se a partir de uma racionalidade, assim a educação, enquanto formadora e constitutiva do homem, tem se relacionado com os anseios de cada época histórica. A própria concepção de educação, da sua finalidade, e, conseqüentemente, da escola altera-se conforme a racionalidade predominante. Nesse sentido, busca-se, neste artigo, por meio de uma revisão bibliográfica, compreender, a partir de uma leitura histórica e filosófica, as transformações do homem, da sociedade e da cultura e as relações entre a razão e a educação. Para isso, buscou-se traçar a trajetória histórica da educação e da razão para chegarmos à análise da constituição da escola contemporânea, do seu sentido e das possibilidades dessa escola proporcionar uma formação humanizadora.

**Palavras-chave:** Educação; Escola; Formação Humana; Racionalização.

**Abstract:** Society arranges and develops from rationality, thus education, while forming and constituting the individual, and it has been related to the aims of each historical period. The very conception of education, its purpose, and, consequently, of the school changes according to the predominant rationality. In this sense, this article looks forward to, by means of a literature review, understanding from a historical and philosophical reading, the transformations of the individual, society, and culture, and the relations between reason and education. To this end, we sought to trace the historical trajectory of education and reason in order to analyze the constitution of the contemporary school, its meaning, and the possibilities of this school providing a humanizing education.

**Keyword:** Education; School; Human Formation; Rationalization.

## INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que o homem, enquanto parte integrante da natureza, se faz por meio do movimento histórico e social, produtor e resultante de uma cultura em constante transformação, propõe-se neste estudo a compreensão dos fundamentos histórico-filosóficos que o constituem enquanto ser humano em busca de sua completude.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás. Professora efetiva na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: [daniellalopesdesouza@gmail.com](mailto:daniellalopesdesouza@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Estadual de Goiás – UnU Inhumas, graduado em Letras pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: [fabiostoffels@hotmail.com](mailto:fabiostoffels@hotmail.com)

<sup>3</sup> - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da Universidade Estadual de Goiás – Unu Inhumas, graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás. E-mail: [ednamar@gmail.com](mailto:ednamar@gmail.com).

O homem, em constante procura por explicações para sua existência e do mundo, busca pela verdade em relação às explicações de sua própria existência e do mundo, sendo que essa procura tende a levá-lo a lugares sociais e intelectuais, de modo que os utilizam para o poder e a dominação da natureza e do seu destino. Portanto, desenvolve meios tecnológicos de forma a perder-se na ideia de progresso e distanciar-se do processo de humanização, assim como procuram inventar um *logos* conforme seus interesses, muitas vezes pautados por essa vontade de poder e acúmulo de riquezas, de exploração do mundo e dos seus semelhantes.

Conforme Cambi (1999), ao mesmo tempo em que busca sua liberdade, o homem encontra-se preso aos seus ideais de moldar os sujeitos a uma lógica produtiva e integrada. Nessa perspectiva, produz um mundo cada vez mais individualista e competitivo onde, esquecendo-se de sua condição humana, inverte os valores e coisifica a si mesmo.

Os avanços são conquistados nas diferentes áreas de produção humana, como bens culturais e econômicos, no entanto não se avança na construção de uma sociedade capaz de se organizar coletivamente e na construção do exercício de cidadania. A partir dessas questões, é que se busca compreender, por meio de revisão e análise bibliográfica, a dinâmica da sociedade no percurso histórico para então pensar a educação, parte integrante desse conjunto, e suas possibilidades na elaboração de uma nova *paideia*, de uma concepção mais “humanizada” de educação e formação.

## DESENVOLVIMENTO

A investigação histórica com olhar filosófico é de extrema importância para educação, pois permite refletir sobre a gênese dos problemas existenciais, relacionando-os ao modo de organização da sociedade e de suas diferentes instâncias educativas, especialmente a educação escolar. Assim, busca-se neste estudo, a partir da metodologia de revisão bibliográfica, analisar as peculiaridades de importantes períodos históricos, relacionando a racionalidade de diferentes sociedades e tempos históricos e suas implicações na contemporaneidade.

Compreender a educação, pensar sobre o sentido da escola, exige uma profunda investigação acerca dos fundamentos histórico-filosóficos presentes nos tempos passados, cujas formas de organização e pensamentos influenciaram e deram origem as concepções de sociedade, cultura e educação da contemporaneidade. Nessa perspectiva, busca-se na Antiguidade Clássica, a partir dos gregos e romanos, importante berço cultural, e ainda na Idade Média e Moderna, os conceitos e a

compreensão da educação e da racionalidade que influenciaram, e ainda hoje influenciam, a construção do conhecimento e a formação do homem.

Mesmo diante de grandes realizações no campo artístico, religioso e político de outros povos, “a história daquilo que podemos com plena consciência chamar de cultura começa com os gregos” e, portanto, necessitamos constantemente “regressar para encontrar orientações”, viajar em busca da nossa essência, da nossa “origem ou fonte espiritual”, realizando, na busca histórica, uma “exploração de mundos estranhos, singulares e misteriosos” (JAEGER, 2013, p. 3-4).

Sendo assim, busca-se compreender a educação numa perspectiva grega, a partir da totalidade inerente a palavra *paideía*, cuja essência era um ideal formativo humanista<sup>4</sup>, despreocupado e indiferente às questões técnicas de formação individualista, voltado ao desenvolvimento humano universal, o “homem como ser político” (JAEGER, 2013, p.14).

Quanto à racionalidade, podemos compreendê-la como uma tentativa de explicação do mundo e da existência por meio do pensamento racional ou, conforme Chauí (2012, p.80) descreve, como a “capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas tais como são [...] uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torne compreensível”. Dessa forma, muitos autores buscaram compreender qual teria sido o momento de surgimento da racionalidade no mundo.

Andery (1996) afirma que esse esforço de organização do pensamento e explicação dos fenômenos pode ser observado ainda no período homérico, pois havia uma tentativa de explicação da origem do homem e da sua existência mesmo que dentro da mitologia, sendo essa a racionalidade daquele período.

Jaeger (2013, p. 191) afirma haver certa dificuldade quando se busca determinar essas mudanças de pensamento, uma vez que a racionalidade e o pensamento mítico teriam se “interpenetrado”, sendo difícil sua separação. Isto é, tanto as ideias homéricas com suas explicações sobre a origem do mundo e do homem a partir do oceano, quanto as ideias de Tales buscavam na água o princípio de toda existência. Dessa forma, para esse autor não seria o nascimento da filosofia o princípio da racionalização do mundo.

---

<sup>4</sup> “O ideal clássico transcende a técnica: humano em princípio, o homem cultivado, ainda que se torne um especialista de alta qualificação, deve cuidar de permanecer, fundamentalmente, um homem. [...] A educação clássica busca formar o homem enquanto homem, e não enquanto elemento a serviço de um maquinismo político, enquanto semelhante a uma abelha na colmeia. [...] O humanismo clássico pode também atingir, como efetivamente atingiu, uma grandeza superior, pondo-se a serviço de uma causa maior, à qual a pessoa humana se consagra a fim de por ela realizar-se, através da auto-superação” (MARROU, 2017, p. 372-373- 374).

No entanto, importa, nesse momento, evidenciar que a realidade antes explicada pela magia dos mitos - *arché* cede lugar a explicação racional - *Logos*, ambas com sua racionalidade, mas que pode ser considerado um processo de “separação e recusa”, de “continuidades e permanências” de características do pensamento mítico no pensamento racional. Essas rupturas iniciais teriam ocorrido, principalmente, pela abertura grega frente aos diferentes contatos e trocas culturais (CAMBI, 1999, p. 48).

Devemos encarar a história da filosofia grega como o processo de racionalização progressiva da concepção religiosa do mundo implícita nos mitos. [...] o pensamento racional toma posse do mundo e se realiza na forma de uma penetração progressiva que vai das esferas exteriores para as mais profundas e interiores, até chegar, com Sócrates e Platão, ao centro, quer dizer, à alma (JAEGER, 2013, p.192).

Assim, pode-se dizer que gradativamente, e de forma mais intensa a partir da criação da *polis* grega, que levou ao surgimento do homem político, da ideia de democracia e cidadania, foi-se constituindo o pensamento racional que buscava condições para a superação do pensamento mítico e a elaboração de um saber a partir do homem e para o homem.

No período clássico, a educação ocorria também de forma dualista, pois a sociedade era composta por um grupo de governantes que dominavam a vida pública, e um grupo de subalternos - ligados aos povos dominados. Havia, portanto, um modelo educativo a depender do papel ou função social na sociedade.

Conforme Cambi (1999, p. 53), podemos encontrar na Grécia Clássica as “elaborações de modelos cognitivos, éticos, valorativos”, os modelos de “razão, o domínio, o etnocentrismo e a universalização do masculino” e ainda “o desprezo pelo trabalho manual, a marginalização do feminino, o governo como exercício de autoridade”.

É, então, a partir dessas concepções que se formam as bases do pensamento ocidental, do que se concebe como educação, uma vez que serve a diferentes interesses, em especial ao fortalecimento de uma sociedade que se estabelece pela divisão de classes e pela distribuição técnica do trabalho, entre aqueles que elaboram as regras e aqueles que as seguem, mas perde-se de vista a concepção humanista e clássica dos gregos.

É fundamental enfatizar que, a sociedade e a cultura grega se diferenciam e se tornam grande inspiração pelo fato de possuir como peculiaridade um saber estruturado segundo princípios com valor em si mesmo, ou seja, como uma ação eminentemente humana que “coloca o uso rigoroso da

mente em uma direção lógica e crítica, organizando cada âmbito da experiência humana e submetendo-a à luz da teoria” (Cambi, 1999, p. 72).

A genialidade grega, nesse sentido, pode ser reconhecida na sua *paideía*, por conceber o homem a partir da estreita relação com a cultura, que o torna sujeito criador de sua história e cujo saber possui valor em si mesmo (Cambi, 1999). Essa concepção educativa, bem característica da sociedade ateniense, pensa a formação de maneira harmônica, sem pretensões práticas, mas voltada ao desenvolvimento humano em sua completude, portanto, de enorme importância espiritual.

Enquanto a alma do Oriente, no seu anseio religioso, se afunda logo no abismo do sentimento, sem ali encontrar, no entanto, um terreno firme, o espírito grego, formado na legalidade do mundo exterior, cedo descobre também as leis internas da alma e chega à concepção objetiva de um cosmo interior. Foi essa descoberta que, num momento crítico da história grega, possibilitou, pela primeira vez, a estruturação de uma nova formação humana, com fundamento no conhecimento filosófico, no sentido proposto por Platão (JAEGER, 2013, p. 193).

O mito platônico da alma, o neoplatonismo, deu origem ao movimento inverso, em que ocorre uma certa resistência ao “processo de racionalização integral do ser”, dando lugar ao cosmo racionalizado, que formou a base para a religião cristã (JAEGER, 2013, p.192).

A partir disso, uma nova racionalidade que influenciará o pensamento educativo desenvolve-se no período helenístico, com o despertar do individualismo apolítico, da decadência política grega. Ocorre um retorno a explicações religiosas de salvação, mas também o desenvolvimento da literatura, filosofia e ciência com fundamentos antropológicos ligados a lógica, física e ética. Nesse sentido, temos uma cultura cada vez mais científica e especializada por um lado e, por outro, temos também a decadência do pensamento do homem como cidadão coletivo, que se organiza pela *polis*. Inicia-se, um processo de burocratização territorial por meio das monarquias e a unificação greco-romana segundo o neoplatonismo, principalmente no período de decadência do império romano, que irá influenciar o pensamento na Idade Média.

O período medieval é marcado, então, pela apropriação das ideias neoplatônicas, da cultura greco-romana pela igreja católica, que irá difundir o espiritualismo cristão. Constitui-se então uma humanidade em busca da essência espiritual, que preconiza o distanciamento das preocupações terrenas e mundanas. A educação surge como um meio cuja finalidade é a salvação da alma para se alcançar a vida eterna. Enquanto *paideía* cristã, irá ter como explicação da realidade as teorias mítico-religiosas a fim de formar um homem sob a imagem e semelhança divina.

Nota-se, nesse período, um afastamento considerável das concepções clássicas em relação à formação humana e à compreensão da realidade, de forma que os filósofos de destaque, enquanto religiosos, apropriaram-se dessas ideias, transformando-as conforme os interesses desse *logos* em construção. Trata-se de uma concepção enciclopédica do saber, de caráter estoico, ou seja, de resignação e autoaceitação, em que as marcas da cultura romana, de aspectos greco-helenísticos, com forte consciência prática vão sustentar a organização da sociedade assim como a educação, o que evidencia uma virada de pensamento, que irá predominar e marcar profundamente a sociedade por muitos séculos (CAMBI, 1999).

Os cristãos dos primeiros séculos estavam, de fato, perfeitamente conscientes desta oposição. [...] Mesmo os mais “cultos” entre os padres da Igreja, os mais fiéis herdeiros do pensamento e da arte clássicos, Santo Agostinho, por exemplo, concordam com a reação espontânea do simples e dos ignorantes para condenar a cultura antiga enquanto ideal e independente, rival da revelação cristã (MARROU 2017, p.514).

O pensamento religioso rejeitava a cultura clássica e exigia um tipo de cultura, como também uma nova educação, um letramento a serviço de seus interesses, usando como fundamentos formativos os textos bíblicos e a formação dos jovens em escolas tipo helenísticas, mas condenando enfaticamente o contato dos cristãos com os textos e saberes clássicos, considerados pagãos.

Todo esse processo de constituição de uma cultura a partir das concepções religiosas por meio da hegemonia do cristianismo que, após longo período “de transformações geográficas, sociais, políticas, mas também econômicas e culturais” entra em declínio. No final da Idade Média, com a expansão do comércio e fortalecimentos da burguesia, delineia-se a modernidade como período marcado pela laicização e racionalismo técnico-científico, transição do feudalismo para capitalismo (CAMBI, 1999, p. 152).

Nessa transição, com o fortalecimento dos Estados e crescimento da população urbana, assim como pela expansão territorial (descoberta de outros continentes) e comercial, surgem mudanças estruturais na sociedade. A burguesia, engajada na busca pela igualdade, liberdade e fraternidade vai proporcionar os meios para o fortalecimento dos Estados e estabelecimento do capitalismo.

Ideologicamente, separando o mundano do religioso e afirmando sua autonomia e centralidade na própria vida do homem; quando a Europa - que, convém lembrar, é uma construção medieval, promovida pela fé cristã e pela ideia do Império - se abre para o mundo: com as descobertas geográficas, com seus comércios, seus intentos de colonização, política e religiosa; quando a própria cultura sofre uma dupla e profunda transformação: radica-se no homem e nas suas cidades, isto é, liga-se à experiência da vida individual e social,

independentemente de qualquer hipoteca religiosa (como faz o humanismo, sobretudo italiano), redescobrimo o valor autônomo do pensamento e da arte, ou então se dirige para um novo âmbito do saber - científico-técnico - que quer interpretar o mundo *iuxta propria principia* e transformá-lo em proveito do homem (como dirão Bacon e Galileu) (CAMBI, 1999, p. 196).

Essa nova sociedade, voltada à produção e ao enriquecimento, necessita de uma nova formação ou, nesse caso, uma nova construção ideológica, que controle e conforme os sujeitos ao que se espera deles nesse novo projeto social, político e econômico. Tal função é atribuída principalmente à escola que, entre outras instituições, irá atuar na instrução do sujeito como indivíduo chamado a produzir.

Por meio da ideologia<sup>5</sup>, importante instrumento do capitalismo e do liberalismo econômicos cada vez mais predominantes na sociedade, coloca-se o homem em constante luta pela aquisição de bens materiais e pelo poder. Há, então, a difusão do pensamento de que somente pela liberdade individual é possível uma transformação de sua realidade, que por meio do ensino e, em seguida, do trabalho pode-se ascender de sua condição de pobreza para uma nova posição social e, assim, adquirir bens e propriedades.

Nessa perspectiva, a escola passa a organizar-se segundo essa concepção tecnicista, em que o seu sentido, se torna ainda mais relevante na formação de indivíduos acríticos, apolíticos e, sobretudo capacitados, aptos a desempenharem determinados papéis e funções na sociedade e no mercado de trabalho.

Pensar todas essas questões até chegarmos ao questionamento do sentido da escola é necessário e imprescindível, pois se considera que a ideologia se institui pelas lacunas, camuflagens ou inverdades em relação a história.

A partir desse percurso histórico-filosófico, pode-se perceber que a razão e a ciência têm sido afetadas pelas ideologias, postas como verdades imutáveis, e que na racionalidade contemporânea há o “risco de uma ideologia científicista”, que gera “a perda da profundidade do espaço e do tempo”.

---

<sup>5</sup> A ideologia não é apenas a representação imaginária do real para servir ao exercício da dominação em uma sociedade fundada na luta de classes, como não é apenas a inversão imaginária do processo histórico na qual as ideias ocupariam o lugar dos agentes históricos reais. A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. [...] A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante (CHAUÍ, 2000, p.3).

Essa perda seria responsável pela “fragmentação e dispersão” do homem tanto no espaço quanto no tempo, que, em seguida, produziria uma construção abstrata do “aqui e agora”, sem articulações do passado, presente e futuro (CHAUÍ, 2016, p.25). Isso torna, portanto, necessário que se façam as devidas reconstruções e conexões entre os tempos históricos a fim de compreendermos com maior profundidade esse movimento e os problemas decorrentes dessa construção histórico-cultural.

Se por um lado toda essa produção racional nos permite muitos benefícios, sem os quais não se pode pensar nossa própria existência, por outro, ao se deslumbrar por todas essas possibilidades de dominação, poder e imortalidade, o homem caminha para sua desumanização. O mundo moderno onde esse homem habita, cada vez mais arrebatado pela técnica e pela tecnologia, produz efeitos, principalmente, nas relações humanas, ou seja, “o desenvolvimento da maquinaria transforma a racionalidade humana em racionalidade tecnológica” (FERRARI, 2016, p. 35).

O perigo se encontra no fato de que não é a técnica que está a serviço do homem e da sociedade, mas o contrário, “o homem está a serviço da interpelação produtora técnica, ou melhor, do imperativo da vontade de asseguramento que rege o relacionamento do homem com o mundo e com a terra”. Esse é o ponto de virada paradigmática do “ser-pensar” e do “ser-no-mundo”, o que implica uma virada na compreensão e no próprio sentido da educação e da escola (FERNANDES, 2016, p.54-55).

Se vimos que o homem caminhou rápido em direção à sua desumanização, distanciando-se das possibilidades do seu “*vir a ser*” mais poético no mundo, podemos refletir sobre a própria questão da redução de significados da educação e da escola, que perde o valor em si, para se tornar meio e fim desse projeto ideológico da estrutura do poder dominante. Conforme Coêlho (2012), são impostas à escola, nesse contexto, outras preocupações que se alinham às necessidades de produção e da eficiência e que visam adequar os sujeitos aos interesses mercadológicos e do Estado, perdendo de vista sua essência formativa, transformando-se em organização<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva organizacional, as escolas se “efetivam no plano do *instituído* e envolvem a existência do saber – reduzido a informação, verdade pronta, produto e mercadoria -, a ser transmitido aos alunos, socializado, apropriado e consumido”, sendo o sentido da escola reduzido a

---

<sup>6</sup> A lógica e o movimento da organização se efetivam no plano do *instituído* e envolvem a existência do saber – reduzido a informação, verdade pronta, produto e mercadoria -, a ser transmitido aos alunos, socializando, apropriado e consumido. O que está em questão é, pois, o treino da mente, o desenvolvimento de habilidades e o domínio técnico das coisas, objetos, processos e gestão, com vistas no saber-fazer (COÊLHO, 2012, p. 62).

uma função, “o treino da mente, o desenvolvimento de habilidades e o domínio técnico das coisas, objetos, processos e gestão, com vistas no saber-fazer” (COÊLHO, 2012, p. 62).

Retomando a Grécia antiga, os atenienses em especial, que a partir de sua especificidade histórica, não admitiam a redução da educação e de sua *paideia* em algo passível de transmissão de saberes ou instrumento a serviço do poder, mas como busca lúcida e racional da excelência, do autodomínio, do equilíbrio “da permanente vigilância e busca da *areté*, da excelência, da virtude da pólis, da vida em coletividade, comunidade”, e como toda essa concepção foi se perdendo no movimento histórico, é que cabe enfatizar o sentido da escola como o lugar da formação humana, compreendida na sua totalidade e que, portanto, não pode ser transformada em ferramenta a serviço dos interesses e ideologias dominantes na produção de sujeitos fragmentados, competitivos, individualistas e desenraizados de sua gênese e essência humanizantes. Mas, num sentido oposto, deve ser concebida como possibilidade de formação do homem que pensa e ensina a pensar de forma crítica as relações históricas, culturais e econômicas inerentes a sua própria existência (GUIMARÃES, COÊLHO, 2012, p.330).

O que está no horizonte da educação não é, em primeiro lugar, a escolarização, a informação, a formação do erudito, do homem de negócios ou do funcionário do Estado, nem a instrumentalização de crianças, jovens e adultos e sua inserção no mercado de trabalho, o desenvolvimento científico- tecnológico, o sucesso dos educandos e o aumento da produção. Pelo contrário, é sobretudo a dimensão ético-política do homem e da sociedade, a elevação espiritual, a humanização de todos os homens, grupos, povos e instituições, enfim, a realização de sua dimensão humana. Esse é o sentido e a finalidade da educação, o que justifica sua existência (GUIMARÃES; COÊLHO, 2012, p. 326).

Pensar a educação e a escola a partir dos fundamentos históricos, questionar seu sentido, é, pois a possibilidade de realização de uma leitura crítica e libertadora do passado e das ideologias, do “discurso já decorrido e o percurso já percorrido e, portanto, o caminho já desgastado”, para a partir disso, experienciar outras verdades outra racionalidade que verdadeiramente esteja ligada ao desejo de produção do bem comum do homem político e emancipado (FERNANDES, 2016, p. 71).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade se organiza conforme a racionalidade presente, assim sendo, observa-se que a tecnologia e seus avanços têm se tornado o grande objetivo do capitalismo, que almeja dominar desde a natureza - o ser, a terra, até a cultura. A educação, diante de tantas transformações, foi se

distanciando do seu sentido de ser, passando a instrumento de dominação, ou seja, um meio de propagação e manutenção ideológica desse projeto de sociedade.

O sujeito, cujo saber foi fragmentado, se encontra desarticulado em sua individualidade, insensibilidade e falta de criatividade acreditando que a forma atual de existência é a única possível. No entanto, temos na Grécia clássica um importante referencial a ser analisado, uma vez que fornece importantes aspectos ligados a uma compreensão que transcende essa perspectiva praticista de educação e formação humana.

Há, no movimento histórico, a busca pela dominação entre os homens em suas relações sociais. Assim, distanciam-se de sua humanização de tal forma que não se reconhecem um no outro, e, nesse sentido, o homem tem encontrado na educação, por meio da redução de seu sentido a mero processo de transmissão de saberes em âmbito escolar, um meio de realização do seu projeto ambicioso.

Por outro lado, observa-se presente nos fatos e movimento histórico os referenciais para refletirmos sobre o sentido da vida humana, pensando outras formas possíveis de existência, de se interrelacionar. Pois, pensar a educação é pensar a própria existência humana, que se faz e se completa pela sua efetivação, que não se realiza sem a interrelação com a cultura, sociedade, historicidade, as artes, enfim tudo o que é criação humana. Nesse sentido, a educação não pode se perpetuar como concepção reduzida de instrumentalização e dominação, mas necessita ser concebida como processo inerente ao homem em busca da superação de si mesmo, de sua humanização, a fim de melhorar não só as suas condições de vida, com uma visão individualista, mas de todas as formas de vida, portanto, deve ser justa, fraterna e emancipatória.

A escola também precisa ser repensada, de forma a ampliar seu sentido, superando a funcionalidade e papel exercido na sociedade capitalista neoliberal, para uma concepção que leve o homem a sensibilizar-se, perceber-se na história, capaz de pensar e criar outras formas de existência. A escola e a educação devem possibilitar ao homem essa sensibilização e formação do sujeito coletivo, que enquanto ser político, produza o espaço e o bem coletivo.

## REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2000.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** São Paulo: Moderna, 1980.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Atopia e Acronia: do espaço ao ponto e do tempo ao instante. In: COÊLHO, Ildeu Moreira e FURTADO, Rita Márcia Magalhães (Org.). **Universidade, cultura, saber e formação.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2016. Cap. 2, p.13-28.

COÊLHO, Ildeu Moreira. GUIMARÃES, Ged. Educação, Escola e Formação. **Inter-Ação,** Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323-339, jul./dez. 2012.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Qual o sentido da Escola?. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2012. Cap. 3, p.59-86.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Escritos sobre o sentido da escola: uma introdução. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2012. Cap. 1, p. 15-32

COÊLHO, Ildeu Moreira e FURTADO, Rita Márcia Magalhães (Org.). **Universidade, cultura, saber e formação.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2016.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Técnica, pensamento, paideia: uma meditação cairológica. In: COÊLHO, Ildeu Moreira e FURTADO, Rita Márcia Magalhães (Org.). **Universidade, cultura, saber e formação.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2016. Cap. 3, p.47-86.

FERRARI, Sônia Campaner Miguel. Filosofia e Práxis: reflexões sobre o impacto do desenvolvimento técnico na cultura. In: COÊLHO, Ildeu Moreira e FURTADO, Rita Márcia Magalhães (Org.). **Universidade, cultura, saber e formação.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2016. Cap. 3, p.29-46.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego.** 6.ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade.** Trad. Mário Leônidas Casanova. Campinas, SP: Kirion, 2017.